

Covid-19

ARQUIVO AO/EDUARDO RESENDES



Ruas desertas das cidades abafam muitos dramas que se vivem por estes dias em agregados familiares com agressores

Confinamento agrava violência doméstica

Depois de um período de certa acalmia, a APAV/Açores começou a receber novas denúncias a partir do início de abril, de situações que já eram violentas e se agravaram com o confinamento

RUI JORGE CABRAL
rcabral@acorianooriental.pt

O fenómeno não é exclusivo dos Açores, mas também aqui já se começa a notar. A situação prolongada de confinamento das famílias para combater a pandemia de Covid-19 é potenciadora de um aumento dos casos de violência doméstica e, consequentemente, também de maus-tratos a crianças.

Estas situações já começaram a refletir-se desde o início de abril nos contactos para a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) nos Açores. Não se trata propriamente de casos de violência que tenham começado agora, mas sobretudo de comportamentos reincidentes, que escalaram com a convivência prolongada e constante sob o mesmo teto.

Desde o dia 18 de março que a APAV/Açores deixou de realizar atendimentos presenciais em Ponta Delgada e passou ao

regime de teletrabalho, sem no entanto deixar de atender as vítimas através do contacto telefónico direto e pela Linha de Apoio à Vítima (116 006).

No entanto, conforme afirma em declarações ao Açoriano Oriental a gestora da APAV/Açores, Sílvia Branco, “nos primeiros quinze dias após o encerramento presencial da nossa estrutura, os nossos serviços eram contactados apenas pelas vítimas que nós já acompanhávamos”.

Uma realidade que mudou, a partir do início do abril, “quando começámos a receber pedidos de pessoas que nunca tinham entrado em contacto conosco e com pedidos de apoio emocional, jurídico e também a nível social, uma vez que, nalgumas situações, foi equacionada a possibilidade de ser efetuado o acolhimento em estrutura de casa-abrigo ou de centro de acolhimento”, expli-

ca a gestora da APAV/Açores.

E é a partir daqui que a situação se agrava para algumas dessas novas vítimas de violência doméstica, na sua maioria mulheres entre os 30 e os 45 anos. Com a economia paralisada desde meados de março,

muitas dessas mulheres vítimas de violência viram os seus trabalhos entrarem em lay-off ou foram mesmo para o desemprego.

Nessas situações, lamenta Sílvia Branco, “perante este momento de grande incerteza pelo

ARQUIVO AO/EDUARDO RESENDES



Sílvia Branco é gestora da APAV nos Açores

Situação pode durar e vítimas não devem deixar de pedir ajuda

Para a gestora da APAV/Açores, Sílvia Branco, atualmente as vítimas de violência doméstica vivem num clima de grande incerteza, “sem saberem quando a vida voltará ao normal, sendo que mesmo esse ‘normal’ será com algumas restrições e novas formas de estar perante a sociedade”. No entanto, as vítimas também já se aperceberam que “esta situação poderá durar” e daí a necessidade de não desistirem de pedir ajuda. Os maus-tratos a crianças também são uma realidade que se potencia com a situação atual de confinamento, embora Sílvia Branco saliente que os maus-tratos a crianças não costumam surgir isolados, sendo na grande maioria dos casos consequência de um agregado familiar todo ele violento.

qual o país está a passar, muitas vítimas preferem optar pelo que têm como certo no seu agregado familiar, mesmo num contexto familiar de violência”.

Além disso, a pandemia de Covid-19 e as medidas de confinamento a que a população está sujeita, sobretudo em São Miguel, onde nem é possível circular entre concelhos sem justificação, também criou outro tipo de problemas no acolhimento das vítimas de violência doméstica.

É que se as casas de acolhimento não deixaram de funcionar, também é verdade que a necessidade de se tomarem medidas de prevenção do contágio da Covid-19 veio condicionar o acesso de novas vítimas, uma vez que estas têm de passar obrigatoriamente por um período de quarentena.

Sílvia Branco salienta que para uma vítima, a quem sair de casa já é um grande passo, “ficar noutra espaço que não conhece e de quarentena” pode ser um fator que condiciona a sua opção, embora neste momento não possa ser de outra forma, devido às medidas de combate à Covid-19.

Sílvia Branco salienta ainda o facto da APAV não ter casas próprias nos Açores, trabalhando em parceria com outras instituições sociais no acolhimento das vítimas. ♦